

O Centro Social e a Paróquia de St. António das Antas, no Porto, foram duas das instituições da sociedade portuguesa que em outubro de 2015 assinaram um protocolo com a Plataforma de Apoio aos Refugiados, constituída para dar resposta a uma profunda crise humanitária que perdura até hoje.

Aceitamos acolher e integrar uma família que (finalmente) chegou à Invicta no dia 13 de setembro de 2016. Não esqueceremos esse dia, em que conhecemos o Omar (pai), a Ezdhear (mãe), o Adel, a Dleven e a pequena Elif, de um ano, a única dos irmãos já nascida num campo de refugiados na Grécia, após a saída da Síria (onde perderam a casa e a microempresa na guerra) e da Turquia (onde não tinham encontrado trabalho que lhes permitisse sobreviver, o que os levou à travessia, pelo mar, para Lesbos).

Seguiram-se dois anos de vigência do protocolo, onde cada percalço (as intermináveis esperas no SEF, os cursos de português para estrangeiros que tardavam, a integração imediata no primeiro ano do ensino básico de um menino que tinha chegado na semana anterior ao nosso país devido ao facto de ter 6 anos cumpridos, não lhe permitindo uma ano de adaptação no pré-escolar como a psicóloga da equipa recomendava, a estabilização das questões de saúde que apresentavam,...) era compensado por cada pequena vitória que fomos conseguindo (as lágrimas da mãe ao perceber que em Portugal as filhas meninas iam estudar tanto como o filho menino, a obtenção do reconhecimento de uma carta de condução síria, a saudação de «beijinho», tão latina, que um curdo de 34 anos passou a adotar ao fim de 3 meses com as amigas portuguesas que recentemente tinham chegado à sua vida...).



13/09/2016

23/08/2020



Esta história de sucesso, de uma família que está hoje plenamente integrada na sociedade portuguesa, só se tornou possível graças a uma enorme teia de pessoas generosas que voluntariamente ajudaram a preparar a casa, deram «aulas» de português todos os dias durante os primeiros 3 meses e, sobretudo aquelas que nas instalações do Centro Social, sempre constituíram o porto de abrigo, a casa dos amigos e dos «avós emprestados»

Mas os dois anos terminaram e o trabalho estava longe de estar concluído, porque a família acolhida, com 2 adultos e três crianças, luta com dificuldades económicas se apenas um dos adultos trabalha e com dificuldades logísticas se ambos os adultos trabalham e não há suporte para três crianças pequenas nas constipações e nas férias escolares...

A partir desse momento, aqueles que falaram de Portugal como o jardim à beira mar plantado, aqueles cujo papel na política depende da notícia de hoje nos media, mas que amanhã já os esqueceram ou substituíram pelos que hoje são notícia, desaparecem de cena referindo apenas os organismos sociais que existem para os (muitos) portugueses que lutam com as mesmas dificuldades no seu dia a dia. É justo? Se pensarmos nos outros portugueses é. Mas foi honesto? Não foi, porque as expectativas criadas aos refugiados que optaram pelo nosso país não eram realistas.

E para os que, no terreno, acolheram, integraram, cuidaram e passaram a considerar «família» fica a responsabilidade de continuar a apoiar, pois se tudo foi feito com o coração cheio de caridade e amor, não o fazer não é opção!

Cada dia que vivemos representa uma oportunidade de aprender. Alguns erros podem ser justificados pela inexperiência, mas numa segunda oportunidade não se podem repetir. O flagelo dos refugiados continua, agora com uma realidade ainda mais pungente: o das crianças refugiadas desacompanhadas. Portugal, como estado de direito solidário e as várias instituições particulares que desenvolvem atividade em prol dos outros, devem continuar a apoiar. Mas têm de fazer melhor.

Berta Batista

Centro Social das Antas